

Palestra do Guia Pathwork® n° 102

Palestra não editada

27 de abril de 1962

## OS SETE PECADOS CAPITAIS

Saudações, Deus os abençoe, meus queridos amigos. Abençoada seja esta hora. Prometi dar uma explicação psicológica do significado dos sete pecados capitais. Muito do que vou dizer não é novo. Vou procurar repetir ao mínimo, e somente quando for necessário para mostrar uma ligação e para indicar o significado mais profundo da verdade espiritual em um sentido psicológico.

O que é chamado de pecado é a manifestação exterior, através de fatos ou até pensamentos, de desvios psicológicos e imaturidade. Em outras palavras, o resultado das distorções interiores é o chamado pecado. Os antecedentes psicológicos de qualquer pecado mostram sempre as muitas situações que já discutimos no passado. A questão pode sempre ser reduzida ao denominador comum do pecado, que é a imaturidade da alma que, por isso, é incapaz de se relacionar, se comunicar, amar. No sentido mais amplo, pecado é falta de amor. Imaturidade é jamais ser capaz de amor. Ela é egoísta, egocêntrica, cega. Não pode entender os outros. Significa separação. Quando existe separação, a pessoa não ama e, portanto, peca. Em termos psicológicos, ela tem uma neurose. A única diferença entre a abordagem espiritual e psicológica é que a segunda dá mais ênfase ao resultado, enquanto a primeira mostra as causas subjacentes, as diferentes correntes e componentes que levam à separação, à neurose, ou ao pecado.

O primeiro pecado cardeal é a soberba. Já falei muito sobre ele no passado e não preciso repetir agora. Vocês todos sabem qual é sua origem, razão, efeitos e efeitos colaterais. Vou afirmar outra vez somente que o orgulho é sempre uma compensação da inferioridade, dos sentimentos de inadequação. Que seu efeito resulta necessariamente em separação não é preciso explicar.

O segundo é a avareza. Também, pelas palestras anteriores, vocês sabem qual é o significado mais profundo. Se vocês ambicionam o que não possuem, essa atitude revela cegueira – cegueira porque acreditam que a posse traria felicidade, quando a felicidade é um estado interior, jamais é proporcionada por meios exteriores. E cegueira porque vocês ignoram as causas do porque não têm aquilo que desejam. Na busca do autoconhecimento, chega o momento em que vocês percebem que tudo que falta na sua vida, desde que o desejo seja saudável, falta por causa de um conflito interior – talvez porque, inconscientemente, vocês tenham medo exatamente daquilo que mais desejam, ou porque têm desejos conflitantes, deixando de perceber os muitos fatores que impedem a satisfação. E finalmente, mas não menos importante, vocês podem não ter consciência do que realmente desejam. Nesse caso, talvez invejem outras pessoas, ambicionem o que elas têm porque vocês não conseguem resolver os problemas que impedem a satisfação. O que vocês ambicionam pode ser um desejo substituto de suas verdadeiras necessidades, das quais vocês podem não ter consciência. O orgulho, assim como a ambição, separa vocês dos outros, bem como do eu real. Portanto, ele desemboca e provém do afastamento de si mesmos. É o contrário de amor, de comunicação, de relacionar-se com os seus semelhantes. Não une, e sim aparta e separa. Coloca vocês num lugar especial e isolado,

Eva Broch Pierrakos

© 1999 The Pathwork® Foundation (An Unedited Lecture)

ou então vocês querem ter o lugar especial que acham que outras pessoas têm. Tudo isso é a cegueira interior que leva ao egoísmo exterior e à separação.

O terceiro é a luxúria. Esse pecado é, com muita frequência, mal entendido. Acredita-se que ele se refere à sexualidade. Não é assim, ou não é necessariamente assim. Pois bem, o que significa luxúria? Significa qualquer espécie de desejo apaixonado – tendo ou não a ver com sexualidade – com um espírito de egocentrismo, de isolamento. É a atitude infantil do “quero ter, quero receber” sem o verdadeiro espírito da reciprocidade. A pessoa pode estar disposta a dar, desde que receba o que quer, porém a ênfase principal recai sutilmente no eu, e não na reciprocidade. A verdadeira reciprocidade não é possível sem a capacidade de renunciar, de suportar o fato de não ver sempre cumprida a sua vontade, nos seus termos. A maturidade de resistir à frustração da própria vontade, de renunciar à própria vontade, é um pré-requisito da verdadeira reciprocidade. Quando a necessidade de receber é uma força voraz, intrinsecamente unilateral, podemos falar em luxúria.

Como eu já disse muitas vezes, é fácil se enganar porque, quando mais forte for essa necessidade unilateral, tanto mais a pessoa se sacrifica, se submete, se transforma em mártir. Tudo isso é um expediente inconsciente para conseguir impor a própria vontade. Como essa tendência é sutil e oculta e muitas vezes nada tem a ver com paixão sexual, pode-se não perceber que se trata de luxúria. No entanto, todos os seres humanos têm alguma coisa disso. Onde existe uma corrente que força, uma necessidade vigorosa que não sabe renunciar, existe luxúria. Todos vocês têm isso, que é mais forte quando não está na consciência. E vocês podem se enganar a esse respeito, porque o que desejam ardentemente pode ser algo, em si mesmo, construtivo. Contudo, vocês são a criança carente e cobiçosa que quer, que de alguma forma é o centro do universo. A necessidade avassaladora, da qual vocês podem ou não estar conscientes, está dissociada do reconhecimento dos fatores que ocasionaram a insatisfação original. Por causa dessa ignorância, a necessidade, ou luxúria, aumenta até atingir uma dimensão insuportável e fica ainda mais tolhida porque vocês não enxergam o remédio – a mudança da direção interior. Em outras palavras, uma necessidade insatisfeita que não é reconhecida em sua forma primária gera a luxúria. Na medida em que vocês ficam conscientes das suas necessidades, automaticamente se tornam mais maduros. Uma necessidade inconsciente indica imaturidade. Ocorre um deslocamento e surge a premência das necessidades substitutas, por mais legítimas, construtivas ou racionais que elas possam ser, em si mesmas. Quanto mais forte a premência, mais podemos falar de luxúria. A luxúria indica a premência da frustração de uma necessidade inconsciente. Quer isso diga respeito a sexualidade ou ao desejo de poder, de dinheiro, de ser amado, de algo em particular, não importa. Quando investigamos a origem dessas emoções, a necessidade original, e o que impede sua satisfação de uma maneira natural e saudável, podemos começar a eliminar a luxúria. Vocês podem chegar a um acordo com a necessidade original, mas nunca com a necessidade substituta. Se a necessidade original for infantil e destrutiva, vocês só poderão amadurecer trazendo-a à tona. A necessidade da qual vocês não tem consciência pode evoluir para reciprocidade, para o estado em que duas pessoas reconhecem e manifestam suas respectivas necessidades de forma a contribuir para a satisfação da necessidade da outra. A necessidade inconsciente é sempre unilateral.

Supor que o impulso sexual seja em si pecaminoso é uma absoluta distorção. Como eu já disse muitas vezes, é um instinto saudável e natural. Se amadurecer adequadamente, ele combina com a reciprocidade. Leva ao amor e à união. Se permanecer separado, é luxúria, porém não mais que o desejo de poder, de dinheiro, de fama, de estar sempre com a razão, ou qualquer outra coisa.

O quarto é a ira. O que é a ira, meus amigos? A ira é sempre, de certo modo, uma mentira. O

sentimento original é, muitas vezes, de mágoa. Se vocês assumissem o sentimento original, não precisariam ter raiva. Quando existe orgulho, devido a inferioridade, vocês se sentem humilhados quando são magoados, pois transferem a outra pessoa o poder de magoá-los. Portanto, substituem a dor original pela raiva. Isso parece menos vergonhoso. Coloca vocês acima da outra pessoa e não, como lhes parece, abaixo. Eleva vocês em relação à verdadeira situação em que se encontram – a de terem sido magoados. Quando há orgulho, vocês mentem sobre o que de fato sentem. Assim, a ira e o orgulho estão associados. A mentira é autoengano, e portanto autoalienação. É deslocamento. Por isso ela provoca efeitos negativos, enquanto a admissão, a vivência do sentimento autêntico, não o faz. A mágoa, quando está isenta de raiva, não pode afetar negativamente os outros, e portanto não volta para a pessoa. Se a emoção primária – dor ou mágoa – não for mais consciente ou estiver entremeadada com a emoção secundária da raiva, ela se torna destrutiva. Se a raiva se manifesta em fatos ou palavras, ou se é simplesmente uma emanção, não faz diferença alguma. Ao assumirem a mágoa, vocês não queimam a ponte para a outra pessoa. Quando sentem raiva, vocês fazem isso. Assim, a emoção autêntica, primária não é contrária ao amor e à comunicação, mas a emoção substituta é.

Vocês sabem que normalmente evito a palavra “pecado”, porque ela estimula a culpa auto-destrutiva e improdutiva. Em vez disso, concentro-me nas condições que estão por trás. Mas neste contexto, eu precisei usar esta palavra. Assim, a raiva que afasta a comunicação e a eliminação das barreiras entre seres humanos é um pecado.

Existe, naturalmente, uma raiva saudável, mas não vamos falar disso. Na verdade, deveria existir outra palavra para exprimir esse sentimento.

Agora, meus amigos, podemos passar às perguntas.

PERGUNTA: Por que, no Bhagavad Gita, a raiva é considerada a pior emoção, gerando total confusão?

RESPOSTA: Porque quando existe raiva, que é uma reação secundária, vocês já não sabem o que realmente sentem. Veem a si mesmos erradamente, e portanto não conseguem perceber e entender o outro. Com respeito a muitos dos outros chamados pecados, é possível vocês terem inteira consciência do sentimento original. Devido a alguns elos faltantes, vocês podem ser incapazes de ter outro sentimento, mas sabem o que sentem. Mas quando estão com raiva, vocês não estão tendo a reação primária. E é por isso que ela cria mais e mais confusão. É ainda pior, naturalmente, se o perfeccionismo os fizer reprimirem até a emoção secundária da raiva, a ponto de nem terem consciência dela. Nesse caso, vocês precisam penetrar em todos esses níveis e tomar conhecimento primeiro da raiva, para depois poderem ir mais fundo e tomarem consciência da mágoa ou dor que está por trás.

Eu poderia acrescentar também que muitas das outras emoções destrutivas, como ciúme, inveja, luxúria, etc., também contêm raiva. A raiva pode ser um estado que permeia a alma e que é sutil, insidioso e oculto demais para ser percebido. Assim, quando eu insisto, os que estão no caminho, a tomarem conhecimento do que realmente sentem, vocês agora podem entender esse motivo importantíssimo. Podem dar a ele o nome de ressentimento, hostilidade, raiva, não importa. É tudo a mesma coisa. A maioria dos seres humanos nem mesmo tem consciência do que sentem, que sentem raiva. Quando existe a consciência, a situação já melhora muito. Fica mais fácil chegar até a emoção original.

PERGUNTA: O que é raiva saudável?

RESPOSTA: É a raiva objetiva, quando a justiça está em jogo de uma maneira objetiva. Faz com que vocês se afirmem. Faz com que lutem pelo que é bom e verdadeiro – por si mesmos, pelos outros ou por um princípio. Vocês podem até sentir raiva objetiva em relação a uma questão muito pessoal, e ao mesmo tempo projetarem uma emoção subjetiva para uma questão geral. Não é possível concluir se a raiva é ou não saudável examinando apenas a questão em si. Vocês sentem de uma maneira muito diferente quando a raiva é saudável e quando não é. A raiva doentia envenena o seu corpo; a raiva saudável convoca o mecanismo de defesa e é ao mesmo tempo um produto dele. A raiva saudável jamais deixa vocês tensos, culpados, constrangidos. Não os impele a se justificarem. A raiva saudável jamais enfraquece. Qualquer sentimento saudável dá força e liberdade, mesmo que o sentimento pareça ser exteriormente negativo. Por outro lado, um sentimento aparentemente positivo pode enfraquecer vocês se não for honesto, se tiver ocorrido um deslocamento ou um subterfúgio. Se tiverem o tipo de raiva que os deixa mais livres e mais fortes, e menos confusos, então é o tipo de raiva saudável. A raiva doentia é sempre um deslocamento de uma emoção original. A raiva saudável é uma emoção direta.

PERGUNTA: Essa é a ira de Deus no Velho Testamento?

RESPOSTA: Sim, é isso.

PERGUNTA: Isso tem alguma relação com a indignação justa?

RESPOSTA: Sim, essa também é uma raiva saudável. Mas, meus amigos, tenham muito cuidado no autoexame. Quando tiverem um problema exterior que justifique totalmente o sentimento de raiva, mesmo assim isso pode não significar que a raiva é saudável. O único meio de fazer essa determinação é olhar o efeito que o sentimento tem sobre vocês e sobre os outros. Ninguém, exceto a própria pessoa, pode determinar onde está a verdade. Somente a total franqueza consigo mesmos permitirá a distinção.

O quinto pecado é a gula. Seu significado mais profundo tem a ver com necessidade. Uma necessidade que fica insatisfeita e frustrada por um longo período, e é repetidas vezes negada, procura canais de vazão. Esse canal, entre muitas outras possibilidades, pode ser a gula. Por que a sabedoria antiga menciona esse atributo como pecaminoso? Não apenas por ser prejudicial à saúde física – esta seria uma razão suficiente para dar a ele o nome de pecado. Há muitas atividades na vida de uma pessoa que são indesejáveis e prejudiciais à saúde mas que não são consideradas pecaminosas. Algo muito mais importante e vital está em jogo aqui. Ou seja, se vocês não estiverem cientes de suas necessidades originais e, portanto, não puderem tomar providências para satisfazê-las por meio da eliminação dos obstáculos anteriores, não poderão satisfazer a si mesmos. Não poderão preencher seus potenciais. Não poderão ser felizes e proporcionar felicidade. Não poderão desenvolver suas capacidades de criação. Não poderão contribuir, mesmo que em pequena escala, para a sociedade humana e seu desenvolvimento. Todo ser humano, por mais que possam desprezá-lo ou julgar sua existência insignificante para os outros, ou achar que ele não pode fazer nenhuma contribuição, tem, de fato, a possibilidade de contribuir de alguma forma para o plano evolutivo. Mas isso só poderá acontecer se a pessoa preencher a si mesma. Ela não poderá se preencher se estiver inconsciente de suas verdadeiras necessidades e, sem esse entendimento das razões, as necessidades ficam insatisfeitas. À medida que ela passa a entender, se aproximando cada vez mais da satisfação, ela contribui com alguma coisa para o vasto reservatório de forças cósmicas, e assim influencia a evolução e o desenvolvimento espiritual geral. A satisfação de todo ser humano, sua felicidade, é uma necessidade

para a evolução como um todo.

Quando as pessoas estão insatisfeitas e, portanto, infelizes, seria unilateral dizer que isso é egoísmo. Pode ser egoísmo, também. Pode ser preocupação infantil consigo mesmo, também. Mas existe outra parte da psique que percebe a necessidade de felicidade, que sabe que somente a pessoa feliz pode contribuir e que portanto, ao não contribuir, ela deixa passar alguma coisa. Essa angustiante sensação de perder alguma coisa faz com que vocês lutem. Quem luta na direção certa acaba encontrando um caminho para o interior, para buscar o motivo de sua insatisfação. Mas existem muitas maneiras erradas de lutar que levam para fora e que proporcionam um alívio temporário da pressão interior. Uma delas é a gula. Como eu mencionei anteriormente, existem muitas outras formas de vício, sendo uma delas o alcoolismo.

PERGUNTA: Alguns psicólogos dizem que a masturbação é um vício primário. Ele tem relação com a gula?

RESPOSTA: Eu diria que isso depende muito do grau e da idade. Se é uma prática constante em idade avançada, sem dúvida tem muito a ver com a gula, embora o deslocamento da necessidade real não seja nem um pouco remota como acontece com a gula. É mais fácil ver que a necessidade real é o anseio por uma reciprocidade recompensadora, entre pessoas maduras. No caso da gula, o deslocamento é muito maior, sendo por isso mais difícil reconhecer a verdadeira necessidade que está por trás. No entanto, a masturbação também é um substituto. Pode ser uma maneira fácil de obter alívio sem o risco do envolvimento em um relacionamento pessoal, a responsabilidade, a exposição. Até certo ponto, a masturbação é normal. Mas além de um certo ponto, dependendo da frequência e da idade da pessoa, bem como de algumas circunstâncias temporárias da vida, ela pode indicar uma fuga semelhante a enfrentar e encarar a necessidade real. Se é uma prática constante na vida adulta, certamente é um indício de algumas tendências e aspectos discutidos com relação à gula.

O sexto pecado é a inveja. Aqui também não preciso me aprofundar, porque já tratei do tema anteriormente. O que eu disse sobre a avareza também vale muito para a inveja. Já falei da inveja em muitas outras ocasiões.

PERGUNTA: Existe uma inveja saudável?

RESPOSTA: Não, não existe. Ela poderia, em algumas circunstâncias, levar a uma atividade saudável. Vamos dizer que uma pessoa não tenha ambição – e existe uma ambição saudável. A pessoa é letárgica, retraída, apática, indiferente, e então entra em contato com alguém que lhe provoca inveja. Isso pode tirá-la do estado letárgico e talvez até colocá-la no rumo certo. Pode ser que um sentimento destrutivo tenha um resultado construtivo, assim como pode ser que um sentimento, em si mesmo construtivo, tenha um efeito doentio. Pode ou não ser o caso. Depende dos muitos meandros da personalidade humana em relação às circunstâncias de sua vida. Mas o fato de um sentimento destrutivo poder gerar resultados positivos em alguns casos não torna o sentimento em si positivo, saudável ou produtivo.

PERGUNTA: Esse é um problema da torção nos pares de opostos?

RESPOSTA: Sim, é isso.

O sétimo pecado é a preguiça. É a indiferença, a apatia que acabei de mencionar. Representa

a pseudossolução do retraimento diante da vida e do amor. Onde existe apatia, existe rejeição à vida. Onde existe indiferença, existe comodismo no coração que não consegue sentir e entender os outros – e, portanto, não pode relacionar-se com eles. Nada gera mais desperdício que a preguiça, ou a apatia, ou o retraimento, qualquer que seja o nome dado. Não existe preguiça na pessoa que tem uma atitude positiva e construtiva em relação à vida. Alguém que não está exageradamente preocupado com sua segurança não se retrai, e portanto não fica apática. A preguiça sempre indica egoísmo. Quem tem medo demais não se arrisca em se manifestar e buscar os outros. A pessoa que busca os outros corre o risco de se magoar – mas acha que a tentativa vale a pena. Quando existe preguiça, a pessoa não se entrega à vida, a si mesma, aos outros, à oportunidade. Não consegue proporcionar felicidade aos outros, por causa da preocupação consigo mesma que procura a pseudossolução da retirada, da apatia, da preguiça. Isso é negar a vida. Essa negação da vida não pode ser resolvida enquanto a pessoa não conseguir enxergar que esse egoísmo básico, essa preocupação consigo mesma não são saudáveis. A preguiça é um dos mecanismos de defesa de que falei anteriormente. Por medo de se ferirem, vocês se defendem transformando-se em pessoas de coração preguiçoso, indiferentes a tudo que gera vida. Portanto, é correto chamar esse atributo de pecado.

PERGUNTA: O que acontece, do ponto de vista espiritual, com uma vida desperdiçada por causa da preguiça?

RESPOSTA: A vida precisa ser repetida muitas vezes até a pessoa finalmente vença esse atributo. Vocês veem, a mesma lei se aplica aqui, e que vocês observam ao seu redor com tanta frequência. Quanto mais vocês estão presos em um círculo vicioso, mais difícil é sair dele. Quanto mais estão envolvidos em seus próprios conflitos e problemas – e que, em última análise, surgem apenas porque não querem sair deles e mudar – mais difícil a situação se torna. Quanto mais vocês evitam encarar a mudança e continuam a resistir a ela, maior é a dificuldade. Isso continua até a vida exterior de vocês se tornar tão insuportável, porque entraram cada vez mais fundo no círculo vicioso, que essa própria infelicidade finalmente os faz quererem encarar a situação e mudar. Se conseguirem reunir a vontade necessária antes da vida ficar insuportável, poderão ser poupados de muita infelicidade. É por isso que muitas vezes vocês veem que as pessoas continuam enredadas nos problemas interiores, desde que de alguma forma consigam “tocar o barco”. Elas tomam a sério a decisão de mudar somente quando a situação deixa de ser suportável. O mesmo é verdadeiro em uma escala maior. Se uma vida for desperdiçada devido à preguiça, muitas e muitas vezes, finalmente as circunstâncias de uma encarnação se tornarão tão desagradáveis que a pessoa se recompõe e luta para encontrar uma saída. Infelizmente, e com muita frequência, a preguiça gera uma atitude de opção pela linha de menor resistência enquanto as circunstâncias não são ruins demais. Isso gera, para a vida seguinte, as condições psicológicas que tornam mais difícil viver de maneira preguiçosa, porque o instinto de autopreservação assume o controle quando as coisas ficam demasiadamente ruins. A época em que ocorre a mudança depende de cada um. Pode ser antes da vida se tornar realmente insuportável. Essas são as condições psicológicas que vocês mesmos criaram. O ponto de virada pode chegar em uma encarnação mais difícil, ou pode ocorrer ainda na encarnação presente.

PERGUNTA: Eu fico pensando por que alguns desses pecados capitais são efeitos e não causas. E ódio e medo não são mencionados. Eles também são causa e efeito ao mesmo tempo.

RESPOSTA: Os ensinamentos religiosos costumam falar do efeito, mas não da causa. Em determinado momento, a humanidade não estava pronta para ir fundo o bastante para enxergar a causa. O máximo que se podia esperar era impedir que as pessoas praticassem atos destrutivos, mesmo que as causas não fossem eliminadas nas pessoas. Pelo menos, o contágio das ações e o efei-

to exterior direto dos atos destrutivos diminuía, mesmo que não fossem totalmente eliminados. Vocês sabem como o comportamento humano é contagioso. Pensamentos e emoções também são contagiosos, mas no mesmo nível. Em outras palavras, o comportamento exterior influenciará o comportamento exterior, enquanto o pensamento influencia o pensamento, ou os sentimentos inconscientes influenciam os sentimentos inconscientes. Pelo menos as ações contagiosas na forma mais bruta eram mantidas sob controle. É por isso que, em certa época, havia uma concentração maior no efeito do que na causa. Agora que a humanidade está evoluindo, é preciso dar mais atenção às causas interiores.

PERGUNTA: E por que o medo não é mencionado?

RESPOSTA: Porque ele não é um ato. É uma emoção que não pode ser evitada. É resultado de muitas outras emoções e não pode ser eliminado por uma admoestação para não ter medo. O medo somente pode ser atacado mediante um processo de entendimento psicológico e pela eliminação das causas. Se você disser a alguém “não tenha medo, porque isso é um pecado”, isso não vai impedi-la de se atemorizar. Ela vai ficar até mais atemorizada. Mas se você desdobrar aos poucos os processos de seus desvios emocionais, entendendo-os, corrigindo os conceitos falsos, a princípio ela vai ver que o medo irracional é sempre egoísmo e separação. Depois, não vai mais encontrar motivos para esse medo irracional. Com o ódio é mais ou menos a mesma coisa. Além disso, ódio equivale a raiva.

PERGUNTA: Mateus supera o medo por meio da fé em Deus. Que relação você faz com nossos ensinamentos?

RESPOSTA: A esta altura, todos vocês já sabem que a fé em Deus de maneira autêntica, segura, profunda e sincera somente pode existir na pessoa que tem fé em si mesma. Na medida em que vocês carecem de fé em si mesmos, não podem ter fé em Deus. Sim, podem impor essa fé de fora, enganar-se a esse respeito pela necessidade de se agarrarem a uma autoridade amorosa, mas de forma autêntica e realista isso não pode acontecer se vocês não tiverem chegado à maturidade de ter fé em si mesmos. Pois bem, como vocês podem ter fé em si mesmos se não se entenderem tanto quanto possível? Enquanto ficarem perplexos, tateando no escuro a respeito do efeito que têm sobre os outros e do efeito que a vida e os outros têm sobre vocês, vocês ignoram alguma informação vital sobre sua vida psíquica. Essa ignorância resulta da não disposição interior, e muitas vezes da resistência inconsciente em descobrir a verdade. É somente quando superam a resistência e a falta de vontade interiores que conseguem entender melhor, cada vez com mais fé em si mesmos e, portanto, em Deus. Somente assim podem vencer o medo.

PERGUNTA: Me parece que os sete pecados capitais são uma maneira mais sutil de explicar os Dez Mandamentos, que sem dúvida se baseiam no medo ou provocam medo ao serem aplicados.

RESPOSTA: Sim. Todo ensinamento, quando mal aplicado e mal entendido, gera medo. Um mandamento rígido expresso sem permitir à pessoa a possibilidade de descobrir os obstáculos para alcançar o ideal desses mandamentos, e não eliminar as causas, gera medo e culpa e, portanto, ódio. Hoje já não é possível nem construtivo o homem simplesmente obedecer a um mandamento em seus atos. Como isso já não basta, o eu mais profundo fica com medo, mesmo que os atos sejam totalmente adequados e de acordo com os mandamentos. A autoridade final não está fora de vocês, e sim embutida na psique. E existe uma enorme diferença entre as exigências exageradas do eu idealizado e seu perfeccionismo, e a realidade da vida produtiva que o eu real quer levar.

PERGUNTA: Observei que os pecados que relacionou não têm separações nítidas, parece que um desemboca no outro. Às vezes parecem opostos, como a preguiça contrastada com a avareza ou com a gula. Não são exatamente opostos, mas se opõem em alguns aspectos. No entanto, podem existir ao mesmo tempo. Eu pergunto se existe uma ligação clara, por exemplo, entre a preguiça e a gula?

RESPOSTA: Eles são opostos porque a gula é a busca voraz devido a uma necessidade frustrada, enquanto a preguiça é o retraimento indiferente, que não vai para o exterior. No entanto, eles têm o denominador comum da inconsciência da necessidade original, a covardia de não descobrir e alterar as condições necessárias para a satisfação, a preocupação consigo mesmo e egoísmo infantil. Como os dois provêm da confusão e da desordem – a necessidade real inconsciente e deslocada – eles geram mais confusão e desordem.

É totalmente verdadeiro que todos esses pecados estão entremeados e sobrepostos. Eles podem contradizer um ao outro, e mesmo assim existirem simultaneamente. Isso ocorre porque todos eles têm o mesmo denominador comum. Como a personalidade humana está em conflito e não é unilateral, um aspecto da personalidade pode adotar uma atitude que entra em contradição com outra. Todos vocês descobriram essas contradições em si mesmos e nos outros. É por isso que a pessoa madura jamais pensa que outra pessoa é isso ou aquilo. Ela percebe as contradições do ser humano como tais e consegue aplicar essa percepção a casos individuais que ocorrem à sua volta.

Esses pecados, bem como os mandamentos, representam tendências universais. Como a psique humana não é separada em compartimentos claramente definidos, um nada tendo a ver com o outro, um afeta e influencia o outro, e o mesmo acontece com esses pecados.

PERGUNTA: Pelo que você disse, então, não existe diferença real de peso entre os sete pecados capitais? Às vezes se diz que a preguiça é pior que o orgulho.

RESPOSTA: Isso é difícil de avaliar. Pode ser enganoso. Pode ser verdadeiro, como se pode ver facilmente, que a preguiça é mais difícil de eliminar, porque ela é inativa. Ela paralisa as faculdades e assim, causa danos mais prolongados. Mas todos são sintomas das mesmas causas.

PERGUNTA: Eu queria perguntar sobre o temor ao Senhor. A Bíblia diz que “o temor ao Senhor é o início da sabedoria”. Nós entendemos corretamente o medo? Já evoluímos além desse ponto?

RESPOSTA: Essa pergunta já foi tratada anteriormente. É uma questão de semântica, de tradução incorreta. A palavra medo é muito enganosa e prejudicial. O sentido original é “respeito” ou “admiração reverente” diante da grandeza do Criador. A infinita grandeza é tão grande que nenhum ser humano poderia entender, nem remotamente. À medida que aumenta a sua maturidade emocional e espiritual, vocês percebem a sua limitação para entender a grandeza da criação e do Criador. Essa admiração reverente ou respeito que vem da sabedoria, mas não no sentido doentio de fazer de vocês um “pecador” insignificante, de se flagelarem, de diminuir seu valor. Porque, se o fizerem, vocês diminuem o valor do Criador. Somente a pessoa muito imatura, a criança espiritual, não sabe que não pode captar a mente universal, Deus. Os mais maduros sabem. E isso é sabedoria. No momento em que se tornam cientes dessa incapacidade, vocês passam a ser muito maiores do que os que ignoram tal incapacidade.



PERGUNTA: O temor do Senhor não é um elemento proveniente das antigas religiões que tinham um caráter punitivo?

RESPOSTA: Sim, também vem daquele tempo. Mas também é uma questão de tradução errada, talvez apenas por causa dos resquícios daquele tempo.

PERGUNTA: O que dizer do pecado do ponto de vista espiritual? Se você não cometer o pecado mas pensar nele, mas não cometê-lo de fato, por medo ou por outro motivo, é a mesma coisa?

RESPOSTA: Jesus disse tudo que há para dizer a esse respeito. A diferença entre ação e sentimento ou pensamento não é nem a metade do que o homem quer acreditar, principalmente quando o pecado não é cometido por medo e não por amor e entendimento, ou pelo menos uma tentativa nesse sentido. Todos vocês sabem que têm uma emanção. O que vocês sentem e pensam emana e de alguma forma sempre é percebido pelos outros. Quanto mais a consciência de uma pessoa se eleva, tanto mais consciente a outra pessoa pode estar do que percebe em vocês. Quanto menos essa consciência se eleva, tanto menos o outro terá consciência, mas inconscientemente, saberá. Portanto, o “pecado” de vocês afeta os outros, mesmo se não for cometido. Mas, por outro lado, se reprimirem os sentimentos e desejos, por medo e culpa, é ainda pior. Vocês jamais vão chegar às raízes, não vão entender o que os faz sentir aquilo. Não vão aceitar a si mesmos como são agora e vão se enganar, acreditando que são mais evoluídos do que são. Mas se admitirem sem ressalvas, vocês reconhecem e enfrentam o que há em vocês, dali por diante podem descobrir a razão que está por trás. Assim, farão a única coisa que pode libertá-los.

PERGUNTA: No “Post” de hoje, alguém escreveu algo no sentido de que ser ajustado não é viver em uma casa parecida com a do vizinho, e sim viver naquela casa para impressionar o vizinho ou torná-lo parecido com você. Acho que esta provavelmente é uma boa explicação de ajustamento. Agora, eu queria saber até que ponto a pessoa madura, quanto, em que medida ela se adapta à sociedade em que vive?

RESPOSTA: Se usarmos a palavra fazer o que é esperado no sentido em que em geral é usada, o de atender às expectativas dos outros ou o que a pessoa pensa que são essas expectativas, por necessidade de impressionar ou medo de rejeição, a pessoa madura absolutamente não se adapta. Mas isso não quer dizer que ela se revolte. Também não quer dizer que ela faça tudo diferente dos outros. Ela pode fazer algumas coisas do mesmo jeito que o vizinho, mas apenas porque decidiu espontaneamente fazê-lo. É autêntico, ela gosta de agir assim. Exatamente porque é livre, não tem que provar que não se adapta... A pessoa que se adapta muitas vezes tem necessidade de rebelar-se e fazer exatamente o contrário do que quer, simplesmente para mostrar que é diferente. Esta manifestação é apenas o outro lado da moeda, e contém a mesma raiz da pessoa que não pode fazer uma escolha independente porque não pode se arriscar a ser diferente. Aqui também a manifestação exterior não mostra se a pessoa é ou não adaptada. É o espírito interior, a motivação, o que importa. Se alguém vive de maneira semelhante ao de seu ambiente, pode ser por insegurança, por necessidade de ser igual. Ou pode ser por causa da liberdade de escolher independentemente a maneira de viver que lhe agrada. Se alguém faz tudo de maneira diferente por rebeldia, isso mostra a necessidade de ajustamento que está por trás. Na realidade, a pessoa se rebela contra essa necessidade e insegurança em si mesma, e não contra a sociedade. Essa rebeldia não é livre. Muitas vezes ela leva a pessoa a fazer exatamente o contrário do que quer. Mas também é possível que a pessoa que tem coragem de

ser diferente o faça por ter o espírito livre.

PERGUNTA: A pergunta que vou fazer se relaciona com “o único amor”. Ao que parece, a pessoa madura ama muito facilmente e certamente vai querer algo em troca. Se uma pessoa, vamos dizer, for 75% madura e tiver esse sentimento maravilhoso de dar amor e depois parece que o objeto do amor não é assim tão importante. Como conciliar essa pessoa madura, que tem necessidade, desejo e condições de dar amor, com o fato de que os romances dizem que duas pessoas se encontram, e de repente acaba!

RESPOSTA: Estou vendo muita confusão aqui. Em primeiro lugar, existem muitos tipos de amor. É totalmente verdadeiro que a pessoa madura pode amar muitas pessoas de muitas formas diferentes. Para esclarecer, vamos usar a palavra cordialidade e compreensão. Isso pode ser sentido até por pessoas que não retribuem de fato o amor dessa pessoa madura. No entanto, essa pessoa certamente não sentirá amor erótico, o amor entre sexos, quando ele não é retribuído. A relação madura, compensadora é recíproca. Não pode ser unilateral. Seria um erro crasso acreditar que a pessoa madura é capaz de amar se for odiada. O melhor que se pode esperar é que ela não vai odiar também, porque não é defensiva. Ela é distanciada e objetiva, e portanto percebe por que a outra pessoa odeia, mesmo que ignore os fatores e os fatos. Mas não vai procurar ter um relacionamento num caso desses, nem mesmo uma amizade ocasional. A pessoa madura tem compreensão e cordialidade em diferentes graus por diferentes pessoas. Ela se relaciona com muitas pessoas de muitas maneiras. Mas no amor conjugal, a reciprocidade é uma condição prévia do relacionamento maduro. Isto não quer dizer que as duas pessoas sintam sempre a mesma coisa e com a mesma intensidade, não se pode medir nesses termos. Os relacionamentos mudam e oscilam, mas no todo precisa haver reciprocidade. Você está juntando tipos diferentes de amor – relacionamento humano em geral e amor erótico – e esta é a causa da confusão.

PERGUNTA: No amor conjugal, é possível que talvez o marido ame mais a princípio, e depois a mulher, e depois mude outra vez?

RESPOSTA: É claro que sim. Mas isso também pode ter a ver com algo que não é amor no sentido verdadeiro. Pode ser que, em uma ocasião, a necessidade e a insegurança de uma pessoa sejam maiores, e ela manifeste dependência. Quando isso é satisfeito, o quadro pode mudar. Pode não ter nada a ver com amor.

PERGUNTA: O maior fator, o que proporciona maior adaptação no relacionamento conjugal não é a capacidade de aos poucos ver Deus no outro?

RESPOSTA: Isto se aplica a qualquer tipo de relacionamento humano.

PERGUNTA: Estou tomando ciência de um novo tipo de sentimento. À medida que desaparecem a depressão, o medo e a repressão, surge uma personalidade que não tem nenhum envolvimento e sentimentos pessoais, a ponto de ver o amor como uma espécie de negação e positividade – dois lados – sendo ambos envolvimento pessoal com o eu como objeto. O amor se transforma em compreensão e envolvimento não pessoal, como se você visse um estranho de que não gosta particularmente e não tem nenhum envolvimento pessoal com ele. É uma espécie de aceitação. Depois, quando há um relacionamento pessoal, existe simplesmente crescimento entre duas pessoas sem “quem ama mais” e rejeição. É uma profunda doação pessoal. É o sentimento mais interessante de todos. É o tipo de sentimento como se você não tivesse mais corpo.

RESPOSTA: Sim, é como se outra pessoa sentisse em você e espalhasse esse sentimento por você, como se um novo ser tomasse conta de você, interiormente. Talvez você sinta o mesmo em relação a pensamentos, como se um pensamento fosse pensado em você, como se não fosse a sua mente que pensasse, e no entanto, aquilo é muito seu, mas vem de uma área nova do seu ser, à qual você ainda não se acostumou. É alguma coisa mais calma e mais sábia que pensa e sente e se espalha por você. É disso que eu falo tantas e tantas vezes. É o eu real que vai lentamente vindo à tona, emergindo de todas as camadas de perturbação. À medida que você aprende a se entender e se aceitar melhor como você é, e portanto resolve conflitos – não por meio da repressão e da fuga, não por meio de pseudossoluções e defesas, mas ao enfrentar diretamente tudo que existe em você, com entendimento, comparando com a realidade e conceitos verdadeiros – à medida que você avança nesse processo de trabalho, o eu real começa a se manifestar. O que você descreveu é essa manifestação do eu real. Pois bem, isso não acontece ao mesmo tempo em todas as áreas da vida e do ser. Pode aparecer primeiro nas áreas em que os conflitos de menor seriedade já foram solucionados. O passo seguinte é resolver os problemas mais sérios, onde ainda existe um envolvimento profundo, subjetivo e destrutivo, mesmo que o não envolvimento seja uma pseudossolução superficial. No entanto, no novo estado do eu real, existe profundo envolvimento, mas de uma maneira totalmente diferente, de uma maneira que não enfraquece nem confunde; de uma maneira que é produtiva para todos os envolvidos e que preenche você e aqueles com quem tem contato, com um sentido que você não poderia vivenciar com o não envolvimento ou com a dependência e o excesso de envolvimento infantis.

A partir de um certo ponto do caminho, é possível a pessoa chegar a uma espécie de patamar em que vivencia o resultado de seus esforços, essa manifestação do eu real. No entanto, pode ser que ela se afaste outra vez desse patamar, ao atacar problemas ainda por resolver, repetindo os ciclos que atravessou em um nível mais profundo, até chegar ao patamar seguinte. Numa ocasião como essa, como você descreveu, o sentimento de que falei antes, a admiração reverente por Deus, a percepção da própria limitação para captar o Criador, podem sobrevir simultaneamente. Um aspecto divino interior começa a preencher a pessoa, a princípio com um sentimento como se fosse algo de fora, e depois como algo que penetra, o envolve de dentro para fora, até você saber que aquilo é uma parte integrante de você – o eu real.

PERGUNTA: Se um homem casa mas não ama profundamente a mulher está errado? Em segundo lugar, é possível que, com orientação adequada, esse casamento possa dar certo? É possível que depois eles se apaixonem, que o relacionamento se transforme em um verdadeiro caso de amor, mesmo com um começo um pouco frio?

RESPOSTA: É muito difícil responder com uma afirmação conclusiva de certo ou errado. Depende de muitos fatores. Depende da motivação; do tipo de sentimentos efetivamente presentes; da vontade e do esforço dedicados ao relacionamento. Mas em geral eu posso dizer que, em alguns casos, se a motivação for boa e se estiverem presentes sentimentos de afeto, respeito, de gostar do outro ser humano, e houver alguns interesses básicos em comum, se o objetivo for sincero, bem como motivação, esse casamento pode de fato se transformar em um casamento melhor do que aquele baseado apenas na paixão. Neste último caso, os valores reais podem ser desconsiderados. No entanto, isso não quer dizer que quando duas pessoas se amam, elas necessariamente passam por cima dos valores reais. Elas podem ter se apaixonado exatamente por causa deles. O que você diz sem dúvida não é a norma, mas é possível em algumas circunstâncias, se os valores reais forem percebidos. Mas é preciso fazer um exame minucioso neste caso, bem como a motivação das duas pes-

soas. Não é algo que possa ser feito de maneira rápida e simples, porque fatores profundos e ocultos podem exercer um papel. Até motivações distorcidas e doentias, quando finalmente trazidas à tona, podem não ter um efeito prejudicial, depois de examinadas e aceitas. Mas podem ser extremamente prejudiciais se forem inconscientes.

Meus queridos amigos, que vocês consigam absorver o conteúdo de todas estas palestras e fazer dele uma parte integrante de vocês. Muita coisa ainda não foi assimilada, e só sua vontade de avançar no trabalho de autoconhecimento, os habilitara a fazê-lo. Que as palavras de hoje fortaleçam o seu entendimento, em termos intelectuais e emocionais. Sejam abençoados, cada um de vocês, em seu caminho, em seu trabalho, em suas atividades, nos seus relacionamentos humanos. Que todos possam aprender a aceitar a si mesmos como são, sem o sentimento do pecado, e com essa aceitação possam solucionar as situações que são chamadas “pecaminosas”. Fiquem em paz. Fiquem com Deus!

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.